

Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena

PAULO RIBEIRO DA CUNHA, FÁTIMA CABRAL (ORGS.)

São Paulo: Editora da UNESP, 2006. 357p.

*José Ricardo Figueiredo**

Merece registro e saudação a coletânea *Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena*, organizada por Paulo Cunha e Fátima Cabral, que consolida os depoimentos e análises da VIII Jornada de Ciências Sociais da FFC da UNESP, em Marília, São Paulo. Foi iniciativa pioneira no reconhecimento acadêmico da importância da obra de Sodré, computada em 56 livros e 3 mil artigos, de densidade e valor amplamente reconhecidos, de conteúdo intensamente polêmico, mas à qual a universidade brasileira vinha sendo em grande parte indiferente, em parte crítica unilateral.

As intervenções, assinadas por 19 acadêmicos e dois militares, externando tanto pontos de vista apreciativos como críticos de sua atuação e de sua obra, abrangem as múltiplas dimensões de Sodré.

Na parte I, “Depoimentos”, contribuem o general Octávio Costa e Ivan Alves Filho, que conviveram com Sodré, Geraldo Lesbat Cavagnari Filho, que o entrevistou, e Leandro Konder, que o biografou.

As partes II, “Fundamentos para uma leitura do Brasil”, e III, “Nacionalismo e revolução no Brasil” mesclam-se. O coronel Luís de Alencar Araripe e Paulo Ribeiro da Cunha, Regina Hipólito, Virgílio Roma de Oliveira Filho e José Antônio Segatto participam na discussão do nacionalismo, em que Sodré aparece como

* Professor da Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp.

teórico, em sua historiografia, e como ator, em sua memorialística. No tema da formação histórica brasileira contribuem Lígia Osório Silva, Jorge Grespan, João Quartim de Moraes, Marcos Del Roio, Maria de Anunciação Madureira e Marly de Almeida Gomes Vianna.

Na parte IV, “Cultura, crítica literária e experiências editoriais”, Joel Rufino dos Santos fala do crítico literário e historiador da literatura Sodré com a familiaridade de quem conhecia os seus gostos e seus valores. Carlos Eduardo Ornelas Berriel destaca a contribuição pioneira de Sodré na interpretação marxista do fenômeno literário brasileiro, mas, pontualmente, critica sua interpretação do arcadismo. Norma Côrtes compara as trajetórias dos isebianos Nelson Werneck Sodré e Álvaro Vieira Pinto. Produtos do Iseb, os *Cadernos do povo brasileiro* são apreciados por Angélica Lovatto e o projeto da *História nova* motivou as intervenções de Sueli Guadalupe de Lima Mendonça, que destaca seu pioneirismo na renovação do ensino de história, e de João Alberto da Costa Pinto, que avalia seu significado político.

Comento mais detalhadamente a discussão da formação histórica brasileira em Sodré. Jorge Grespan, Maria de Anunciação Madureira e Marly Vianna recusam liminarmente a hipótese feudal, e aventam ou adotam a tese de que a referência de Sodré ao feudalismo no Brasil decorreria da adequação à linha política adotada pelo PCB em 1958. Não haveria razão para isso: o Congresso de 1958 representou uma inflexão política, não teórica. Nem Sodré se prestaria a isso, justo ele quem, em 1960, incorporou ao estudo da literatura brasileira G. Lukács, no ostracismo político desde a intervenção soviética na Hungria em 1956. Toda sua obra subsequente demonstra que Sodré mudou porque se convenceu da nova interpretação, que utilizou de maneira fértil para analisar nossa história social, econômica, política, militar, a história da nossa imprensa, de nossa literatura, de nossa burguesia.

Há outras críticas. Sodré dissera que “a empresa açucareira ultramarina só será viável à base da ajuda naval holandesa”, em decorrência da “progressiva transferência do capital comercial português à Holanda”. Grespan vê aí um exagero, cuja função seria “minimizar a importância dos mercadores portugueses” para evitar “os embaraços de afirmar uma convivência no reino entre o feudalismo e o capital comercial”. Ora, não há exagero: Sodré está se referindo à expulsão dos judeus na contrarreforma. E nem haveria “embaraços” na convivência entre feudalismo e capital comercial, que não são incompatíveis para Sodré.

Em abrangente descrição do debate do feudalismo, Marcos Del Roio situa Sodré como seguidor de uma tradição dos comunistas brasileiros e apresenta duas outras vertentes interpretativas da formação histórica brasileira, representadas por Caio Prado Jr. e Jacob Gorender, entre outros. Relaciona, ainda, o debate brasileiro àquele iniciado por Paul Sweezy e Maurice Dobb acerca da transição do feudalismo para o capitalismo. Predomina a descrição objetiva, sendo difícil entender em que se funda o diagnóstico de que os “limites intrínsecos da leitura de Sodré (...) repercutem para enfraquecer os fundamentos dos seus argumentos sobre a natureza da forma social brasileira”.

Em contrapartida, João Quartim de Moraes posiciona-se explícita e enfaticamente em favor de Sodré. Sintetiza que o equívoco de Caio Prado Jr. estaria em confundir “o caráter mercantil da produção, isto é, o domínio da produção para a troca, com o caráter capitalista das relações de produção, que se baseiam no intercâmbio do trabalho vivo com o sério”. Também refuta Gorender, que “deixa (...) sem resposta aceitável a caracteriza o das rela o es de produ o que substituiram a escravidão, não resolvendo ele próprio a questão que considera mal resolvida nos estudos de Sodré”. E defende o uso “claro e coerente” da categoria feudalismo por Sodré: “denota as rela o es de produ o baseadas no latifúndio e na dependência pessoal do trabalhador (colonato, parceria e demais formas de produ o não baseadas no trabalho vivo por s rio)”.

Os argumentos de Quartim encontram apoio discreto em outros articulistas. Lígia Osório Silva endossa Sodré e Dobb citando Marx, para quem o desenvolvimento do capital mercantil não explica por si são o surgimento do capitalismo, o que depende também do modo de produ o local.

Vários outros articulistas referem-se ao significado da categoria “modo de produ o feudal” como abrangendo as rela o es de produ o baseadas no latifúndio e na dependência pessoal do trabalhador. José Antonio Segatto refere-se a esse sentido em uma nota. Ivan Alves Filho o menciona. Paulo Ribeiro da Cunha encontra a substância desse conceito na práxis de Sodré, particularmente na sua estada no Mato Grosso. Até mesmo Marcos Del Roio, discreto crítico de Sodré, diz:

Na defini o da rela o  feudal, o mais importante para Sodré, além da forma da extra o da renda,   o laço de dependência pessoal. Por meio de uma cita o de Marx, Sodré considera que, no feudalismo, “a dependência pessoal caracteriza tanto as rela o es de produ o material quanto as outras esferas da vida baseadas nessa produ o”.

Não apenas esta cita o. No Prólogo da *Contribui o   crítica da economia política*, Marx estabelece que as rela o es de produ o constituem a base real sobre a qual se alça o edifício jurídico e político de uma sociedade. Por isso, Sodré insere-se rigorosamente nos fundamentos do marxismo, ao considerar que o mais importante está nas rela o es de produ o – as formas de extra o de renda da terra e o laço pessoal, no caso do feudalismo.

Essa constata o   desenvolvida por mim em *Modos de ver a produ o do Brasil*, com apoio na historiografia clássica brasileira e nos clássicos do marxismo: equivocaram-se os que tentaram negar a interpreta o feudal de nosso coronelismo com base em Marx. Sodré superou seu mestre, Caio Prado Jr., e jamais foi superado por seu crítico obsessivo, Gorender.

As conclusões desse estudo coincidem não integralmente com as de Sodré. Em particular, desconhecer o modo de produ o asiático empobrece sua análise

das missões guaranis. Assim, reconheço, tal como o conjunto de seus críticos, e como o próprio Sodré, que o trabalho desse mestre possa merecer críticas. Não obstante, afirmo que o pensamento maduro de Nelson Werneck Sodré apresenta, sem competidor que se lhe tenha aproximado, a mais rigorosa e abrangente interpretação marxista da história da formação social brasileira.

FIGUEIREDO, José Ricardo. Resenha de: CUNHA, Paulo Ribeiro da; CABRAL, Fátima (orgs.). Nelson Werneck Sodré: entre o sabre e a pena. São Paulo, Editora da UNESP, 2006, 357p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.146-149.

Palavras-chave: Sodré; História; Brasil.